
Orgânicos e articulados: arranjos comunicacionais de populações negligenciadas durante a pandemia da Covid-19 na cidade do Rio de Janeiro¹

Marcia Rodrigues Lisboa²

Inesita Soares de Araújo³

Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Com ou sem jornalistas, arranjos comunicacionais emergentes de territórios periféricos durante a pandemia da Covid-19 retrataram modos de enfrentar os desafios sanitários, econômicos e sociais, agravados pelo espraçamento da desinformação, em um cenário plataformizado. Apresentamos uma análise de dez ações no Rio de Janeiro que integram o corpus de uma pesquisa feita em cinco estados brasileiros com o objetivo de produzir conhecimento sobre as iniciativas, seus produtores e as condições de produção. Adotamos uma perspectiva epistemológica não extrativista, inspirada em premissas decoloniais. Entre os achados está o uso conjugado de meios digitais, analógicos e interpessoais.

Palavras-chave

Arranjos comunicacionais; Comunicação interpessoal; Jornalistas; Covid-19; Desinformação.

Pontos de partida

Os mecanismos geradores de desinformação, acirrados na contemporaneidade pela circulação veloz de narrativas e fragmentos de narrativas produzidas por atores humanos e não humanos nos instigam a pensar de forma profunda nos processos comunicacionais, incluindo fortemente aqueles que envolvem populações negligenciadas e em um contexto pandêmico. Para essas populações, a produção e a difusão de notícias com informações manipuladas intencionalmente para provocarem confusão (WARDLE;

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Trabalho, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Pesquisadora do Laboratório de Comunicação e Saúde (Laces/Icict/Fiocruz). E-mail: marcia.lisboa@fiocruz.br.

³ Pesquisadora do Laboratório de Comunicação e Saúde (Laces/Icict/Fiocruz). E-mail: inesita.araujo@fiocruz.br.

DERAKHSHAN, 2017; PERINI-SANTOS, 2021), em especial durante a pandemia da Covid-19, configuraram-se em uma parte do problema comunicacional, que é ao mesmo tempo sanitário, econômico e social.

Os desafios para a comunicação com (e não para) pessoas que vivem em regiões periféricas vão muito além do acesso a informações consideradas confiáveis. Na pesquisa “Pandemia e contextos criativos: cartografia de tecnologias e arranjos de informação e comunicação no enfrentamento da Covid-19”⁴ fomos impulsionadas pela premissa de que mesmo os produtos de comunicação das instituições públicas de saúde no Brasil eram insuficientes ou inadequados, ao não levarem em conta os contextos locais, do que decorria a prescrição de formas de prevenção inacessíveis à população periférica urbana.

Os arranjos comunicacionais ativados e a diversidade de tecnologias usadas por jornalistas e não jornalistas em territórios periféricos do Brasil durante a pandemia da Covid-19 mostraram modos criativos para o enfrentamento de um desafio clássico da comunicação – seja em empresas jornalísticas, instituições públicas ou órgãos governamentais –, que é o de pensar nas possibilidades de interlocução, a partir da circulação dos produtos e da apropriação por pessoas em diferentes ambientes e culturas.

Esse desafio para profissionais e pesquisadores do jornalismo traz várias indagações, entre elas as que nos suscitaram reflexões na pesquisa: a) como pensar em uma ecologia comunicacional flexível e adaptada às circunstâncias de cada local? b) que estratégias estão sendo usadas para uma comunicação orgânica⁵ em regiões periféricas, considerando as condições de vida extremamente difíceis e as diferenças de contextos? c) quais abordagens metodológicas podem contribuir para responder essas questões?

Assim, voltamos as nossas atenções ao objetivo de mapear iniciativas comunicacionais desenvolvidas por comunicadores locais em áreas periféricas de cinco capitais do país, no esforço de enfrentamento da pandemia da Covid-19: Brasília (DF), João Pessoa (PB), Recife (PE), Rio de Janeiro (RJ) e Vitória (ES). A pesquisa, iniciada em setembro de 2020, analisou 50 iniciativas, sendo dez em cada cidade. Neste texto restringiremos nossa análise às ações localizadas na cidade do Rio de Janeiro.

⁴ Com recursos do Programa Inova, da Fundação Oswaldo Cruz, Edital Encomendas Estratégicas - Inova Covid-19 – Geração de Conhecimento.

⁵ O sentido do termo “orgânica” que imprimimos à comunicação deriva do proposto por Gramsci (2001), ao designar uma categoria de intelectual. Entendemos que a comunicação é orgânica não apenas por ser praticada por comunicadores locais, mas por utilizar e potencializar recursos locais, além de fincar os pés no território.

Interessou ao estudo averiguar: a) quem eram os coordenadores das iniciativas, qual era a trajetória de cada um e que experiências anteriores tinham; b) as motivações e as ideias impulsionadoras de cada ação; c) se a iniciativa era de um grupo, coletivo ou pessoa isolada; d) quais eram as estratégias comunicacionais; e) a natureza, o formato das ações comunicacionais e/ou a associação de iniciativas; f) quais as tecnologias usadas (comunicação interpessoal, impressos, analógicos, digitais ou uso associado de meios e tecnologias); g) quais eram, como circulavam e a quem se destinavam os produtos comunicacionais; h) quais os temas tratados na comunicação; i) a sustentabilidade das ações (recursos, procedência e formas de captação); j) o envolvimento da população local nas ações; l) as redes internas e externas de colaboração; m) o que dificultou e o que potencializou as ações; n) as formas de avaliação da iniciativa.

Métodos, questões e achados

A pesquisa adotou uma perspectiva epistemológica não extrativista, inspirada em premissas decoloniais do fazer científico e acadêmico (SANTOS, 2007; HAESBAERT, 2021). Sob a égide do descentramento analítico, que se concretiza na postura de pesquisar “com”, e não “sobre”, considera todas as pessoas envolvidas na pesquisa como coprodutoras de análises, e não “informantes”, podendo refletir sobre esses conhecimentos, articulá-los a outros e assim produzir novos conhecimentos.

Os/as coordenadores/as das iniciativas foram convidados/as a dialogar com a equipe da pesquisa a respeito das questões propostas e após o registro das conversas, participaram das etapas de revisão e validação dos resultados, podendo interferir em todo o processo.

As dez iniciativas que integraram o corpus da pesquisa no Rio de Janeiro foram selecionadas com base em um levantamento inicial que mapeou 50 ações na cidade. Entre as dez, quatro localizavam-se na Zona Norte (Coronazap, Se liga no Salgueiro, Frente da Maré contra a Covid e Voz das Comunidades), três na Zona Sul (Babilônia Utopia: Geral contra o Corona; A Rocinha Resiste – # Rocinha contra o Corona; e Opina Rocinha), duas na Zona Oeste (Frente CDD contra a Covid e União Coletiva pela Zona Oeste) e uma no Centro (Morador Monitor). Várias dessas iniciativas originaram-se da junção de organizações para a criação de coletivos.

Em comum aos coordenadores das ações, está o fato de serem moradores das favelas e militantes ou ativistas. A maioria é jovem (entre 20 e 40 anos). Alguns são

jornalistas, como Igor Soares (Coronazap), Melissa Cannabrava (Voz das Comunidades) e Gizele Martins (Frente de Mobilização da Maré), ou profissionais de outras áreas da comunicação.

A constatação da escassez / ausência de dados sobre casos de Covid-19 nas favelas cariocas foi um estímulo ao trabalho dos vários coletivos, conforme o relato de participantes da pesquisa. Os realizadores de uma das iniciativas, Opina Rocinha, são um exemplo da mobilização para o enfrentamento da invisibilidade de dados sobre pessoas residentes em favelas: quatro jovens moradores, formados ou alunos de cursos na área de tecnologia da informação, criaram, com recursos próprios, um aplicativo pelo qual as pessoas, por meio de um formulário Google, informavam sintomas, ocorrências, sentimentos e necessidades. As respostas eram registradas de forma síncrona em gráficos e nuvem de palavras, para que o resultado fosse visto imediatamente por quem preenchesse o formulário. Os idealizadores desejavam oferecer esses dados também aos setores públicos.

Entre as similaridades das iniciativas pesquisadas, está o uso de tecnologias digitais (aplicativos, mídias sociais, painel digital), aliado ao forte investimento em tecnologias tradicionais, com ancoragem no território (carro de som, rádio poste, painel impresso) ou com recurso à criação artística (grafite, encenações nas ruas). Nenhuma delas prescindiu da comunicação interpessoal presencial, ressaltada por grande parte dos coordenadores por sua eficácia, sobretudo na distribuição de cestas básicas, prática associada às ações de comunicação. Tal articulação reforça o entendimento das lideranças de que a Covid-19 era muito mais do que uma crise sanitária. Foram frequentes os relatos de que desde o anúncio do primeiro caso da doença no Brasil sabiam que os moradores das periferias seriam os mais atingidos, por suas condições econômicas e sociais, e que precisavam ser ágeis.

Sobre a sustentação financeira das ações, também foram identificadas muitas semelhanças nas iniciativas: o uso de alguns recursos internos, mas especialmente externos – de empresas, indivíduos (sistema de vaquinha), fundações, institutos ou organizações não-governamentais. O financiamento externo incluiu a busca por editais voltados ao apoio a ações em territórios periféricos. Houve diferença apenas quanto à magnitude do investimento, contraposta ao tamanho do grupo promotor e à natureza da proposta. Contudo, a queda nas doações foi uma das razões identificadas pelos participantes para o desaceleramento ou o fim das iniciativas.

Outro motivo destacado pelos coordenadores que contribuiu para o arrefecimento ou o término das atividades foram as narrativas que rejeitavam a gravidade da pandemia e as ações para enfrentá-la, seja de forma direta – como um painel rasgado e a pressão sobre lideranças das ações –; ou indireta – com a adesão de moradores a essas narrativas.

No conjunto das falas das lideranças, emergiu uma forte crítica ao setor público, em função do desamparo dos moradores de áreas periféricas. Um exemplo foram as referências à atuação do ex-prefeito do Rio de Janeiro Marcelo Crivella (Republicanos).

Além dessas dificuldades, os participantes citaram: a saúde mental das pessoas que integraram os coletivos, diante dos desafios enfrentados; as informações falsas ou manipuladas; os conflitos religiosos decorrentes de discursos negacionistas; a geografia dos morros, com lugares de difícil acesso; a extensão das favelas; as incursões policiais; e a indisponibilidade de dados confiáveis sobre casos de Covid-19 nas periferias.

Como aspectos positivos que facilitaram as ações, nomearam: os recursos obtidos, as redes e as experiências anteriores de articulação; a militância e o ativismo dos participantes; o fato de muitos já se conhecerem / terem trabalhado juntos em outras ações; a solidariedade de moradores e organizações locais, a mobilização para o projeto; os apoios internacionais; e a visibilidade nos grandes veículos de comunicação.

Para continuar o debate

Um conceito importante na análise dos resultados foi o da determinação social, que na saúde coletiva estrutura um modo de entender o processo de produção da saúde-doença (BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007). Por essa abordagem, elementos constitutivos e constituintes dos processos – sociais, sanitários, políticos, econômicos, tecnológicos, religiosos, comunicacionais etc – não podem ser percebidos isoladamente, mas de forma articulada e mutuamente potencializadora

Na avaliação dos participantes da pesquisa, foram essenciais para as iniciativas a comunicação interpessoal (iniciativas de proximidade física, mantendo contato direto com moradores/as) e o uso de recursos comunicacionais que fazem parte do acervo coletivo, por mobilizarem afetos. Essas ações foram, porém, conjugadas com os recursos digitais. As lideranças perceberam que no ecossistema das plataformas digitais as disputas são maiores e as ações podem se dispersar velozmente. Mantiveram, portanto, frentes em ambas as direções: das tecnologias digitais e das tradicionais, embora os registros das iniciativas – mesmo em plataformas de mídias sociais – enfatizem a ação local.

Os resultados da pesquisa no Rio de Janeiro estão muito ligados à configuração geográfica e à ocupação urbana, além de decorrerem de militância ou ativismo anterior. Como esses elementos podem ser considerados determinantes dos arranjos comunicacionais? Este é um tema que pede aprofundamento e suscita debate, a partir de outros contextos, outros cenários. Convidamos à interlocução.

Referências

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, BA: CLACSO; Niterói, RJ: Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, 2021.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 1.

PERINI-SANTOS, Ernesto. Desinformação, negacionismo e a pandemia. **Filosofia Unisinos**, v. 23, n. 1, p. 1-15, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/FSU.2022.231.03>. Acesso em: 26 set. 2022.

SANTOS, Boaventura Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos**. Cebrap, v.79, n.25, p. 71-94.

VAN DIJCK, José. **The culture of connectivity**: a critical history of social media. Nova Iorque: Oxford University Press, 2013.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Estrasburgo: Council of Europe, 2017.